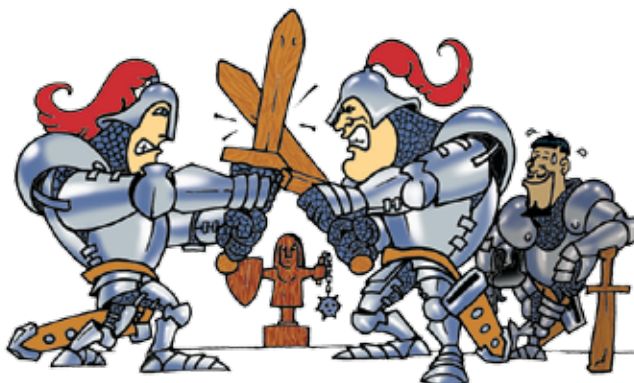




Discussão 10

Ampliando as comunicações com a comunidade



No Capítulo 10 da História do Pequeno Reino

No décimo capítulo, a Rainha continua a aproveitar os passeios e os contatos com o mundo dos homens e com a Natureza para motivar os pequenos Súditos.



Essa décima discussão retoma a conversa sobre a importância dos contatos com a comunidade para motivar o trabalho educativo dentro de nossos centros de educação.



Ideias e Sugestões

Para começar, vamos falar sobre como podemos produzir, com textos e desenhos infantis, um jornal escolar.

O jornal escolar

Quando nós conseguimos organizar com sucesso uma visita ou um passeio, as crianças podem produzir muitos textos e desenhos, inventar histórias, fazer perguntas, pesquisas, etc.

Muitos desses materiais, principalmente textos e desenhos, álbuns, painéis e livros feitos pelas crianças, podem ser **enviados para outras pessoas da comunidade**.

Nós já falamos nas três discussões anteriores sobre a utilidade de mandar materiais como esses para os adultos que conversam com as crianças. Mas essa sugestão pode se tornar ainda mais interessante se ajudarmos as crianças na produção de um **jornal**, produzido com suas histórias e desenhos, seus relatos de atividades, de passeios, histórias pessoais, etc.

Vamos falar um pouco sobre um dos grandes "pais" dessa ideia, que se torna cada vez mais importante, no século XXI, quando precisamos educar para o respeito às diferenças e à diversidade cultural.



Freinet e a imprensa escolar

Foi Célestin Freinet, sobre quem já falamos na Discussão 6, quando apresentamos a **técnica do texto livre**, que desenvolveu e aplicou o **jornal escolar** como instrumento educativo. Vamos falar um pouco sobre mais algumas ideias desse grande pedagogo e, para isso, vamos encontrar Freinet no início dos anos 1920, no Sul da França:

Gravemente ferido por um tiro no pulmão, durante a Primeira Guerra Mundial, Freinet não tinha nem fôlego nem paciência para passar o dia dando aulas para os filhos de camponeses e artesãos pobres, seus alunos, nas aldeias do sul da França.

Conhecedor das ideias da Escola Ativa (conhecida entre nós como Escola Nova), Freinet buscava uma saída que mudasse toda a dinâmica de sua classe. A solução surgiu em 1923 quando, folheando uma revista, Freinet encontrou uma velha "imprensa", dessas de fazer jornais. Ele comprou-a e colocou-a no coração de sua sala.

Imediatamente as crianças começaram a usar a imprensa para montar textos, contando seus passeios pela sua aldeia, seus sonhos, seu mundo.



Nos anos seguintes Freinet desenvolveu, especialmente para as escolas, versões mais simples e baratas de uma máquina para imprimir e para multiplicar textos, uma verdadeira **imprensa escolar**.

Na proposta de Freinet, essa máquina de imprensa é de grande importância. A vida da sala gira em torno da imprensa, na qual as crianças produzem seus próprios textos contando suas histórias e falando sobre suas explorações.



Alguns anos antes de 1930, os alunos de Freinet já produziam textos (relatos de passeios, descrições de experiências, textos livres, etc.) em uma máquina de fazer jornais, e era muito fácil multiplicar as cópias de cada texto.

Como Freinet usava essas cópias?

Ele tinha várias ideias sobre o que fazer. Por exemplo, ele sugeria que uma cópia dos textos mais significativos, escolhidos por votação das crianças, fosse para o **caderno da vida** da sala.

Ele também lembrava a necessidade de o adulto zelar para que todas as crianças tivessem a sua vez, insistindo mais sobre o caráter simbólico da votação, principalmente entre as crianças mais novas.

Cada criança poderia ganhar uma cópia de seus textos para ir formando um **caderno da vida individual**.

Cópias dos textos de maior sucesso eram entregues, para que cada criança que quisesse ilustrasse-a com um desenho.

Freinet ajudava suas crianças a fabricar um jornal, reunindo pelo menos um texto de cada criança. Esse **jornal** era então distribuído entre os pais e outros habitantes das aldeias francesas onde Freinet desenvolveu suas técnicas.



A essas alturas, você talvez esteja se perguntando alguma coisa como:

"Mas eu não tenho uma imprensa em meu centro de educação, de que me valem essas ideias então?"

Primeiramente, elas nos parecem importantes ao sugerir que nós podemos **usar os materiais produzidos pelas crianças para nos comunicarmos com os outros**, mesmo se não tivermos cópias deles.

Mas é uma pena se desfazer do único exemplar, principalmente quando as crianças produzem coisas interessantes. Por isso, mesmo que você não tenha uma imprensa em sua sala, vale a pena pensar em **outras formas de conseguir cópias das obras infantis**.

O próprio Freinet sugeria o uso de mimeógrafos e ele até desenvolveu um limógrafo fácil de fazer e barato, que nós experimentamos com bastante sucesso em algumas creches de São José dos Pinhais, de Colombo e em outras cidades da região metropolitana de Curitiba. Até mesmo papel carbono pode ser usado para fazer algumas cópias.

Se não for possível conseguir ao menos uma máquina de escrever na qual os originais podem ser feitos, basta fazer, com caneta, um original com bastante capricho. Esse original (completado, ou não, com um desenho infantil) poderá ser copiado em máquinas de fotocópias, mimeógrafos, etc.



Computadores, outros artefatos e a Internet: a imprensa escolar no século XXI

A evolução das novas tecnologias nos permite pensar em substituir a imprensa de Freinet por **um computador e outros artefatos, conectados à Internet, e por uma impressora**. Hoje, esses são os instrumentos – que estão ficando cada vez mais baratos, leves e acessíveis – com os quais as crianças podem escrever, fotografar, gravar e corrigir seus textos, e produzir jornais escolares.

Mesmo se as novas tecnologias ainda são uma realidade distante para muitas de nossas creches e escolas públicas, essa é uma situação que deve mudar cada vez mais.



Em resumo: Mesmo que você não tenha como conseguir fazer cópias de textos e desenhos infantis, vale a pena aproveitar esses materiais na montagem de álbuns, painéis ou até de um jornal, que pode ser enviado a pessoas da comunidade.

Agora, se tivermos meios de reproduzir os textos infantis, ficará ainda mais fácil e interessante montar



jornais em que as crianças falam sobre os passeios que fizemos, contam e inventam histórias, etc. Com as cópias, álbuns e jornais poderão ser feitos em maior número e distribuídos pela comunidade.



É claro que um jornal feito pelas crianças (com sua ajuda) terá uma cara muito diferente dos jornais com os quais estamos acostumados. Em cada lugar, ele terá um jeito diferente, em função das crianças, dos adultos, da região, dos materiais utilizados. Mas, mesmo que só de vez em quando, é uma ótima ideia envolver as crianças no projeto da montagem de um jornal, a ser distribuído (e talvez até vendido) na comunidade.

Um "jornalzinho" feito pelas crianças pode chamar a atenção de muitas pessoas, inclusive dos pais, que poderão ter no jornal uma prova concreta de que as crianças estão aprendendo muito em seu tempo conosco.



A correspondência interescolar

Vamos ver mais uma ideia interessante de Freinet, que ele praticava já nas décadas de 20 e 30 do século XX com suas crianças das camadas populares, incentivando-as a se corresponderem com crianças de outras escolas, situadas em outras regiões da França, em outros países da Europa e até na África:

Para Freinet o melhor jeito de usar um jornal infantil, ou qualquer outro material produzido pelas crianças, é enviando-o para **crianças de outros centros de educação**.

A partir de sua própria experiência, Freinet afirmava que a motivação das crianças era sempre muito grande para preparar textos, desenhos, bilhetes, recolher materiais, fabricar brindes e outras coisas, para enviar a seus novos amigos. Só a alegria de receber pacotes como esses, de outras crianças, era maior que o prazer em preparar materiais para outros centros de educação.

Para motivar o primeiro contato com as crianças de outro centro de educação, você pode sugerir que as suas crianças façam coisas como:

- "Escrever uma lista com os nossos nomes".
- "Montar uma história contando como é a região em que nós vivemos, tirar fotos, gravar alguns arquivos de áudio saudando os nossos novos amigos".
- "Recolher alguns materiais, como pedras e folhas, e pedir que eles nos mandem os deles".
- Etc.

Imagine, por exemplo, que uma turma de uma cidade de interior consegue se corresponder com uma escola situada no litoral e que as crianças dessa escola enviam uma caixa com conchas e ossos de peixes, além de desenhos e poesias sobre o mar. Para crianças que nunca viram o mar, essa pode ser uma ótima experiência, não é mesmo?



Além das cartas e materiais para todo o grupo de crianças de outro lugar, Freinet sugeria que cada criança tivesse um **correspondente individual**. Você pode incentivar cada criança sua a escolher alguém, entre as crianças para quem a gente escreve, e mandar para essa outra criança coisas como: bilhetes de apresentação, fotografias, desenho de um "auto-retrato", etc.

Se você conseguir criar uma troca de correspondências com pelo menos um outro centro de educação, terá conseguido uma motivação excelente para as atividades infantis. Até a ida a uma agência do correio, para enviar os materiais, poderá ser explorada de maneira útil.

Mas talvez não seja fácil para você conseguir promover projetos como o do jornal escolar e o da correspondência interescolar. Mesmo nesse caso, vale a pena tentar aproveitar as oportunidades que podem aparecer, de vez em quando, para que as crianças se comuniquem com pessoas de fora de nosso centro de educação e com outras crianças.



Vamos agora ver alguns exemplos, tirados de nossa realidade, em que educadoras agiram com criatividade para promover **encontros entre as crianças**:

- Em 1994, perto de Curitiba, crianças de creches das cidades de Araucária e de São José dos Pinhais, distantes mais de 40 km, iniciaram uma troca de correspondências, com resultados que agradaram muito às educadoras. Essas trocas puderam ser iniciadas porque coordenadoras e técnicas de creches dessas duas cidades se encontravam, normalmente, em cursos e debates promovidos em Curitiba pelo *Projeto Araucária*, e puderam desenvolver relações de amizade.
- Em São José dos Pinhais existia um trabalho com literatura infantil para crianças de dois a seis



anos, e sacolas com livros infantis circulavam entre várias creches, ficando algum tempo em cada lugar. Aproveitando esse rodízio, muitas educadoras começaram a sugerir que as crianças fizessem bilhetes e livros com histórias inventadas por elas, para colocar nessas sacolas, e o processo foi crescendo. Cada que vez que uma sacolinha de livros ia de um lugar para outro, seguiam junto histórias e bilhetes produzidos pelas crianças. As crianças adoravam a ideia de se comunicar com outras crianças, de fazer histórias para outras lerem, de contar eventos importantes de seu dia a dia, etc.

- Em outro exemplo, por ocasião do "Dia da Criança", as crianças de uma creche foram convidadas para comemorar em outra creche, com os amigos que, até então, elas conheciam apenas pela troca de bilhetes. Outra dupla de creches fez a mesma coisa e mais crianças puderam viver um dia divertido e especial.

Fazer com que crianças de diferentes centros de educação se comuniquem e se encontrem é uma ideia ótima e, para Freinet, um momento muito importante acontecia sempre que ele conseguia reunir os seus alunos com seus correspondentes de outras escolas, de outros lugares.



Os computadores, a Internet e o sonho de Freinet

Para encerrar este item sobre a correspondência interescolar, é interessante repetir o que já foi dito, aqui:

As ideias de Freinet ganham uma força ainda maior hoje quando, em vez da imprensa, podemos ter no coração da sala um computador, que imprime textos e desenhos, e que permite a produção de livros e de jornais.

Equipamentos mais modernos permitem a produção de vídeos, a criação de filmes com música e muito mais.

Com a Internet e as conexões cada vez mais rápidas, trocar esses materiais fica cada vez mais fácil.

Em um número cada vez maior de redes de escolas, em todo o planeta, os computadores de uma escola se comunicam com os de outras. Assim, as crianças podem trocar, por exemplo, vídeos sobre a região de cada escola, dados meteorológicos, dramatizações, perguntas, etc.

Os computadores estão tornando muito mais próximo da realidade o sonho de Freinet de uma rede de escolas em que as crianças trabalhassem para produzir materiais umas para as outras.



Eu se eu não tiver computadores e outros artefatos?

Temos um sem fim de exemplos em que, mesmo dispondo só de "lápiz e papel" para trabalhar, creches e escolas desenvolveram experiências incríveis de envolvimento com a comunidade e de interação com outros centros de educação.

E a experiência das últimas décadas também nos mostra um sem fim de escolas que, apesar de adquirir os melhores computadores e as conexões mais rápidas, continuam educando como se estivéssemos no começo do século XX...

Mesmo sem nenhum computador e sem nenhum acesso à Internet é possível experimentar todas as ideias sugeridas nas últimas 4 discussões.

Mesmo usando os recursos mais simples, podemos trabalhar para aumentar cada vez mais a comunicação das crianças com a comunidade e com outras crianças, transformando o desejo de aprender com os outros e de trocar experiências em uma motivação para escrever, desenhar, pesquisar, aprender, comunicar, crescer...



Aproveitando as experiências das crianças fora do centro de educação

É importante, para prosseguirmos com essa conversa, falar um pouco sobre a importância das experiências que as nossas crianças vivem fora dos centros de educação.

Ao discutirmos a importância da comunidade no trabalho educativo, não podemos esquecer que existe **uma diferença fundamental entre os pequenos Súditos** de nossa história e **as crianças** com quem nós lidamos no dia a dia:

Enquanto os Pequenos Súditos moram no castelo real, nossas crianças passam apenas parte do tempo conosco e moram com suas famílias.

Essa diferença é importante, entre outros motivos, porque as crianças passam por um grande número de experiências quando não estão conosco. Elas conversam com seus pais e irmãos, assistem à televisão, jogam



games, navegam pela Internet, passeiam pela rua, visitam lojas, conhecem outras pessoas, etc. Assim, elas já chegam até nós cheias de experiências.

É importante procurar abrir espaço para que também essas experiências possam servir de motivação para as atividades infantis e para que as crianças possam encontrar, conosco, espaço para falar, desenhar, dramatizar as coisas que acontecem em sua vida fora do centro de educação.



Vamos ver um exemplo, antes de continuarmos a falar sobre essa questão:

- **Um exemplo – a creche e a epidemia:** Na cidade de Campo Largo, aconteceu uma epidemia e várias crianças de uma mesma creche foram parar no hospital. Quando voltaram do hospital, as principais brincadeiras das crianças, por vários dias, foram de “dar injeção”, “tomar soro”, “fazer exames” e coisas do tipo. Claro que a educadora deixou que elas brincassem, incentivou-as a dramatizar, etc.

Esse, sem nenhuma dúvida, é um ótimo momento que pode ser aproveitado para escrever com as crianças o nome de médicos e enfermeiras, para mostrar palavras como “hospital”, “médico”, “injeção” e outras, principalmente as palavras (e também as histórias) que elas nos pedirem.

Outra boa ideia pode ser mandar, para os novos amigos do hospital, desenhos, textos, álbuns e livros contando suas histórias quando estiveram internadas. Podemos conseguir uma entrevista com um médico, para falar sobre a doença e outros assuntos. Bem explorado, um acontecimento como esse pode motivar muitas atividades.

Esse exemplo nos mostra um caso em que as crianças encontraram, na sala, um espaço para dramatizar uma experiência importante para elas, que aconteceu fora da creche. A educadora permitiu que essa experiência (a internação em um hospital) se transformasse no tema de suas atividades por algum tempo.



A ideia dos “temas geradores” ou “centros de interesse”

Essa é uma ideia importante:

Podemos **aproveitar os assuntos que interessam às crianças**, quando não estão conosco, **para motivar atividades** em que elas podem desenvolver sua expressão oral e corporal, desenhar, escrever, pesquisar, aprender, etc.

Imagine que uma criança traz para a sala um ninho de passarinho, que ela encontrou caído no chão. Essa será uma ótima ocasião para discutir perguntas como:

- “Para que servem os ninhos?”.
- “Como eles são fabricados?”.
- “Como nascem os passarinhos?”.
- “Como são as casas de outros bichos?”.
- Etc.

Se as crianças perceberem que você valoriza suas experiências e as coisas que elas trazem, você terá sempre novos e interessantes temas surgindo a partir das próprias crianças.

Aproveitando esses temas, você poderá sugerir muitas atividades, inclusive de escrita (por exemplo: fazer um texto sobre passarinhos) e envolvendo as Ciências e a Matemática (medição do tamanho do ninho; comparação de tamanho entre diferentes aves, observação do crescimento de passarinhos, suas necessidades alimentares e muitas outras atividades).



Algumas pessoas gostam de ter, dentro da rotina, um momento especial em que as crianças contam suas histórias, uma espécie de **“Hora da novidade”**, em que elas falam sobre as coisas que lhes interessam. Já outras pessoas preferem ir “pescando”, no seu convívio com as crianças, os assuntos de interesse mais geral e os interesses particulares de cada criança.

De vez em quando, um fato, uma observação, uma história chamarão especialmente a atenção das crianças. Aproveitando o interesse despertado, você poderá fazer perguntas, sugerir que elas dramatizem, desenhem, escrevam. Assim, os assuntos que mais interessaram às crianças podem se transformar em verdadeiros temas geradores ou centros de interesse.



Um exemplo clássico – os “centros de interesse” e o Zeppelin:

Já na década de 30 do século XX, o educador brasileiro Lourenço Filho (1897-1970) dizia:

Os centros de interesse devem ter base ocasional, isso é, derivar de fatos da vida corrente da criança. Esse modo de entender os centros de interesse dá muita vida e colorido ao trabalho escolar.¹

Lourenço Filho dá um exemplo de um “centro de interesse ocasional”, que aconteceu com uma turma com crianças de 11 e 12 anos. Ele relata o que aconteceu em 1936, em uma escola de São Paulo, quando o Zeppelin sobrevoou o céu da cidade, despertando a atenção de todos:

A viagem do dirigível Conde Zeppelin interessou à classe, por vinte dias seguidos, em trabalhos de Cartografia, experiências de Física, cálculos de latitude e de longitude, velocidade comparada entre os vários veículos, história da Aeronáutica e aviação, Bartolomeu de Gusmão, Augusto Severo, Santos Dumont...²



Nesse exemplo, como as crianças eram mais velhas, um evento importante pode ser explorado em trabalhos bastante profundos.

Conforme a idade das crianças e os assuntos que mais lhes interessam, podemos propor diferentes atividades relacionadas a cada tema ocasional que provoca o seu interesse.

Com crianças mais novas, podemos fazer pelo menos atividades de imitação e desenho, discussões orais, escrever novas palavras e histórias.

Com as crianças mais velhas, podem surgir cada vez mais verdadeiros “projetos de pesquisa”.



Aqui, ao falarmos de coisas que despertam o interesse das crianças, é relevante lembrar a importância dos assuntos em destaque nos meios de comunicação (principalmente na televisão e na rede mundial de informação), que podem gerar ótimos temas ocasionais para as atividades infantis (por exemplo: as eleições; a copa do mundo de futebol; a passagem de um cometa, etc.). A Discussão 15 fala mais sobre esse assunto.



Mesmo que você crie um momento especial em que as crianças contam as suas histórias, é importante que elas possam, a qualquer momento, fazer coisas como desenhar ou escrever coisas que são de seu interesse particular. Vamos ver um exemplo:

Imagine que, depois de um passeio, você sugere atividades sobre ele. Mas uma criança pega papel e lápis e começa a fazer um desenho de sua mãe grávida. A nossa sugestão é que, enquanto essa criança não atrapalhar as outras, você a deixe desenhar livremente. Você pode até se oferecer para conversar sobre o desenho, informar-se para saber se a mãe está mesmo grávida e se isso não tem deixado essa criança com ciúmes, etc.

A ideia de Freinet, quando falava em “desenho livre” ou “texto livre” era que cada criança pudesse, a qualquer momento, expressar aquilo que desejasse. Ao fazer isso, as crianças evoluem em sua capacidade de desenhar, de escrever e, talvez mais importante, de conhecerem a si mesmas.

Esse é um dos principais motivos pelo qual nós já sugerimos várias vezes que as atividades sempre sejam propostas em um clima de brincadeira, em que a criança participa se quiser, em que a imitação das outras acaba provocando um envolvimento cada vez maior e onde a criança sabe que, se quiser fazer outra coisa (como ler um livro ou desenhar), ela poderá, desde que respeite as regras de convivência da sala.



Vamos ver outro exemplo em que uma criança encontrou, na creche, um espaço para expressar suas emoções:

- **A criança, a tempestade e a creche:** Na cidade de Campo Largo (PR), houve, em setembro de 1994, uma forte ventania, e a casa de uma das crianças de uma creche foi destelhada. Ao chegar à creche, essa criança, com pouco mais de quatro anos, fez um desenho de uma casa sem telhado, cheio de traços negros. Ao lado da casa, a criança desenhou sua mãe e uma grande poça de lágrimas, provocada pelo seu choro.

1. Lourenço Filho. *Introdução ao estudo da escola nova*. São Paulo: Melhoramentos, 1950, página 193, 194.

2. Lourenço Filho, idem, página 194.



Algumas crianças viram o desenho, ficaram com pena e decidiram que iam “fazer uma casa nova” para sua amiguinha triste. Quase todas as crianças então se envolveram na construção de uma casa de sucata (com uma caixa de papelão, papel colorido, etc.) com um belo telhado. Pouco depois de receber com grande satisfação a casa que seus amigos haviam feito, a criança fez um novo desenho: dessa vez o Sol brilhava e sua mãe sorria feliz, ao lado de uma casa com um belo telhado...

Embora a situação real da criança continuasse igual, é evidente que sua disposição para enfrentá-la havia mudado, ao mesmo tempo em que as outras crianças deram um belo exemplo de colaboração na execução de um projeto e também de amizade, excelente para sua formação moral...

O episódio acima, altamente benéfico para todas as crianças, só pôde acontecer porque a educadora teve sucesso ao criar, em sua sala, um ambiente em que as crianças se sentem à vontade para brincar, para reviver seus dramas, para conversar entre si e para tomar iniciativas.

Os exemplos que acabamos de ver nos mostram como as crianças podem encontrar no seu próprio dia a dia a motivação que as leva a brincar, a falar, a desenhar, a escrever.

Isso não quer dizer que você deva parar de fazer passeios, experiências, visitas, de contar histórias, para ficar apenas ouvindo as histórias que as crianças nos contam. O que nós estamos sugerindo é que, além de procurar sempre oferecer novas experiências para as crianças, o centro de educação também seja um lugar onde elas podem expressar e discutir sobre as coisas que mais as impressionaram.



No próprio dia a dia das crianças, quando não estão conosco, poderemos encontrar a motivação para trabalhar com elas vários temas ocasionais. Além disso, contar sobre suas emoções e experiências servirá para cada criança desenvolver sua capacidade de se expressar falando, dramatizando, desenhando, escrevendo, etc.



Reforçando os laços com as famílias

As discussões anteriores já deram uma série de sugestões para aumentar o envolvimento das famílias no trabalho feito com as crianças. Nós já falamos de visitas, de entrevistas, de festas, etc. Aqui, gostaríamos de falar um pouquinho mais sobre essa questão.

Uma escola aberta para os pais?

Um centro de Educação Infantil ou um escola, principalmente quando trabalha com crianças de classes populares, não pode ser um lugar onde os pais deixam suas crianças, sem saber o que acontece lá dentro. Quanto mais nós conseguirmos envolver os pais, mais positivo será o efeito sobre a educação das crianças.



Um centro de educação pode ser um espaço voltado não apenas para as crianças, mas também para as suas famílias. Lourenço Filho nos conta o caso de Armanda Alberto, uma diretora de escola em Caxias (RJ) que, em 1925:

Organizou um sistema próprio, visando não só à educação das crianças, mas à dos pais dos alunos, problema muito particular às nossas populações rurais, e que não lhe escapou ao espírito. A escola organiza campanhas de higiene, concursos de trabalho e de arte, entre os moradores da localidade e abre sua biblioteca à população.³

Nós temos visto muitos exemplos de creches e de centros de atendimento a crianças carentes que convidam as famílias para discussões, fazem campanhas de prevenção odontológica, procuram fazer os pais refletirem sobre suas atitudes com seus filhos, etc. O centro de educação pode ser um verdadeiro difusor de novas ideias e de cultura entre a comunidade, um local de encontro e de diálogo com as famílias das crianças.



O imenso papel dos pais na educação e nas aprendizagens

O papel dos pais pode ser muito importante para incentivar as crianças a desenvolverem cada vez mais suas aprendizagens e conhecimentos. Quando eles, por exemplo, valorizam os desenhos e os textos que as crianças trazem, quando se preocupam em saber como é o dia a dia da criança, estão tendo uma atitude que é percebida por seus filhos, agindo como importante fator de motivação.

Além disso, a própria atitude dos pais, em casa, pode influenciar muito as aprendizagens dos filhos. Por exemplo, hoje em dia se sabe que crianças que vivem em casas onde existem muitos livros, inclusive especiais para elas, em que os adultos lêem e escrevem, já chegam aos quatro ou cinco anos com grande vantagem

3. Lourenço Filho, idem, página 174.



sobre as outras crianças.

Muitas vezes, os pais não têm ideia disso e nós podemos ajudá-los a tomar consciência. Por exemplo, se você trabalha com crianças das camadas populares, pode ser interessante fazer com que os pais percebam, por exemplo, como pode ser importante um hábito como **ler um jornal na frente de seus filhos**. Essa atitude pode ser muito útil para aumentar a vontade, nas crianças, de aprender a ler.

Vamos ver um belo exemplo disso, que nos é dado pelo escritor búlgaro Elias Canetti, Prêmio Nobel de Literatura em 1981. Ele conta a seguinte história sobre sua infância, quando ele ficava fascinado todos os dias, ao ver seu pai ler o jornal:

Era um grande momento quando ele o desdobrava lentamente. Assim que ele se punha a lê-lo, já não tinha olhos para mim, e eu sabia que, de forma alguma, não me responderia (...). Eu tentava descobrir o que o prendia tanto ao jornal; no começo pensava que fosse o cheiro, e quando ficava só e ninguém me via, trepava na cadeira e avidamente cheirava o periódico. Mas depois notei como ele movia a cabeça ao longo da folha, e o imitei sem ter diante dos olhos o jornal que ele segurava sobre a mesa com ambas as mãos, enquanto eu brincava no chão, às suas costas. Certa vez, um visitante o chamou; ele se voltou e me flagrou em meus imaginários movimentos de leitura. Então se dirigiu a mim (...) e me explicou que o que importava eram as letras, muitas pequenas letras nas quais ele bateu com o dedo. Em breve eu também saberia ler, disse ele, e despertou em mim um insaciável desejo pelas letras.⁴

Esse é apenas um exemplo, que mostra o grande interesse das crianças pelas atividades de seus pais e a grande vontade que elas têm de imitar os adultos que elas mais admiram.



Mostrar aos pais materiais que atestam que "a gente brinca e, por isso mesmo, a gente aprende"

Ao longo de duas décadas de defesa das concepções resumidas nessa proposta, encontramos um sem fim de vezes a opinião de que "escola não é lugar para brincar", e críticas ao "excessivo direito" dado às crianças para se movimentar, desenhar, perguntar, dialogar, imaginar.

Vejamos um exemplo desse tipo de crítica e de que como ela foi superada:

- **"Eles demoraram mais pra escrever algumas letras, mas escreveram um livro de verdade muito antes!":** No começo de 1993, pais de crianças de uma creche de São José dos Pinhais (PR) reclamaram muito porque até as crianças do "Jardim" estavam "só brincando", enquanto crianças de outros locais já estavam "até escrevendo letras". As reclamações continuaram, mas essa história teve um final feliz quando, pouco tempo depois, os pais compareceram à creche para o lançamento de um "livro", um conto de fadas criado, ilustrado e escrito pelas crianças.

No dia do lançamento do livro, as famílias entraram na brincadeira, e até compraram cópias do livro, autografadas pelas crianças.

Naquela creche, a partir desse dia em que os pais viram um material concreto atestando a evolução de seus filhos, não ouvimos mais reclamações sobre o fato de as crianças "brincarem demais"...



Na era digital, em que, por exemplo, uma fotografia bacana pode ser enviada para um endereço de email ou de rede social com extrema facilidade, as possibilidades de enviar "coisas bacanas que seus filhos fizeram, ou de que participaram" se tornam ainda maiores.



Quando conseguimos que as famílias entendam o enorme potencial de uma proposta que valoriza a atividade infantil e o lúdico, elas podem engajar-se de maneira muito mais frutífera na educação de suas crianças.

Envolvendo cada vez mais os pais no trabalho educativo, e ajudando-os a perceber a importância de ter atitudes de incentivo às crianças, estaremos agindo para melhorar a qualidade da educação.

Encerramos este item com mais um exemplo, que mostra como a tentativa de se comunicar com os pais pode trazer resultados surpreendentes:

- **Descobrimo o "ovo de Colombo"?:** No segundo semestre de 1994, uma creche da cidade de Colombo (PR) estava precisando de reformas. As educadoras tiveram a ideia de sugerir que as crianças produzissem bilhetes explicando a situação. As crianças fizeram os bilhetes, com textos e

4. Elias Canetti. *A língua absolvida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, página 37.



desenhos, e os levaram para seus pais. O resultado foi que apareceram três pais de crianças que eram pedreiros e acabaram fazendo a obra de graça. Além disso, eles conversaram com todas as crianças, explicaram como trabalhavam, etc.

A todo momento podem surgir oportunidades para aumentar o envolvimento dos pais com nosso centro de educação. Nós sabemos que nem sempre as tentativas de se comunicar com os pais dão certo, mas, cada vez que você conseguir com sucesso aumentar o envolvimento deles, os resultados educativos serão muito bons, e algumas boas surpresas poderão acontecer.



A "escola nova", menos velha do que se pensa

Muitas das ideias que nós vimos, especialmente nas discussões 7, 8, 9 e nesta, foram desenvolvidas no começo desse século por um movimento que ficou conhecido como Escola Nova, ou Escola Ativa.

Algumas obras indicadas nas referências bibliográficas apresentam as interessantes ideias de educadores escolanovistas, ideias importantes ainda hoje, para quem procura caminhos alternativos e sensatos para a educação, especialmente para a educação elementar das crianças das camadas populares. Se você tiver curiosidade, alguns livros que podem ser consultados são os de Aguayo, Kilpatrick, Lourenço Filho. Apesar de apresentarem algumas concepções ingênuas, esses livros ainda podem ser muito interessantes para nós.

Nos livros de Piaget e de autores piagetianos (como Kamii, Stambak, as obras coletivas do Cresas, entre muitos outros), podemos encontrar uma interessantíssima visão da criança como construtora ativa de seus conhecimentos, ideia que era fundamental para a Escola Nova. Aliás, Piaget defendia abertamente os princípios da Escola Ativa e também era um defensor das ideias pedagógicas de Freinet.

Os livros de Freinet apresentam uma proposta que foi desenvolvida no trabalho com crianças de camadas populares e pode ser considerada uma evolução das ideias dos pedagogos da Escola Ativa.

Nas obras de Vigotski e de Bruner (e de autores inspirados por eles, como Elkonin, Wertsch, D. Stern, entre outros) você poderá encontrar uma visão mais moderna do desenvolvimento psicológico, que leva em conta a importância da cultura na formação psicológica. As ideias desses autores sugerem um trabalho educativo que aproveita muitas das ideias propostas pelos escolanovistas e por Freinet, insistindo sobre a importância das interações sociais e da atividade das crianças para o desenvolvimento infantil.



As escolas como pequenas comunidades

Para encerrar esta décima discussão, vamos ver mais uma ideia defendida pelos escolanovistas e, em especial, pelo educador e filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952), que sugeria que pensássemos nossas escolas como pequenas comunidades:

Além de sugerir que as escolas se abrissem cada vez mais para a comunidade, John Dewey insistia na importância de que as próprias escolas e suas salas de aula funcionassem como comunidades.

Nas palavras de Lourenço Filho, que nos explica essa ideia que Dewey chegou a colocar em prática:

*A escola deve assumir a feição de uma **comunidade em miniatura**, ensinando em situações de comunicação de umas a outras pessoas, e de cooperação entre elas, visando a propósitos comuns.⁵*

Na escola que Dewey dirigia, no final do século passado na universidade de Chicago, Lourenço Filho diz que:

*As classes deixavam de ser locais onde os alunos estivessem sempre em silêncio, ou sem qualquer comunicação entre si, para se tornarem pequenas sociedades, que imprimissem aos alunos atitudes favoráveis ao **trabalho em comunidade**.⁶*

Essa ideia nos parece muito interessante, além de atual. Quanto mais você conseguir que suas crianças brinquem juntas, que discutam entre si, que trabalhem em pequenos grupos ou em duplas, que participem de projetos (como: pesquisar algo; fazer e distribuir um jornalzinho; dramatizar histórias; organizar uma festa, etc.), mais estará agindo para transformar o seu centro de educação, e a sua sala, em uma pequena comunidade.

Enriquecendo sempre a vida dessa pequena comunidade com experiências vividas na comunidade maior (representada pelas experiências individuais, pelos assuntos em destaque, pela cultura e pela natureza de cada local, pelos meios de comunicação, pelos outros adultos e centros de educação que se comunicam conosco, etc.), teremos sempre a motivação e o interesse necessários para desenvolver um bom trabalho educativo.

5. Lourenço Filho, idem, página 210.

6. Lourenço Filho, idem, página 133.



Resumindo

Chegamos assim ao final dessas quatro discussões (7, 8, 9 e 10), em que falamos bastante sobre o envolvimento com a comunidade. Resumindo, podemos afirmar que "migalhas" de vida comunitária alimentam as aprendizagens infantis mais do que "empanturrar-se" com atividades que as crianças acham desinteressantes...

Nós sabemos que, em alguns locais, é difícil aumentar os contatos com a comunidade.

Mas, mesmo para esses locais, é importante lembrar duas boas ideias, que acabamos de ver nessa discussão: aproveitar as experiências das crianças quando não estão conosco e a sugestão de fazer com que a classe e todo o centro de educação funcionem como uma pequena comunidade.

Outras sugestões apresentadas nessas últimas quatro discussões também poderão ser aproveitadas mesmo por quem tem dificuldades para aumentar os contatos com a comunidade (só para dar mais um exemplo: conversas com os funcionários podem ser feitas em qualquer centro de educação).

